

# Bíblia e Ecologia

- Frei Gilvander Luís Moreira

**Gênesis 1,2: “O Espírito de Deus está nas águas.”: Tudo é sagrado.**

**Somos natureza, somos corpo, uma infinidade de células, muitos órgãos.**

**1 - Ecologia ambiental;**

**2 - Ecologia social;**

**3 - Ecologia integral;**

**4 - Ecologia política. Como o pecado entrou no mundo? Alguém cercou terra e disse: “isso é meu.” E os outros aceitaram resignadamente.**

**Cinco sub-temas:**

**CEBs e Bíblia;**

**CEBs e Problemas Urbanos;**

**CEBs e Catadores, lixo e economia  
solidária;**

**CEBs e Igreja Instituição;**

**Cebs e Agrotóxicos/agroecologia.**

## **Questões para refletir nos grupos:**

- 1) O que há de luta, de ação, de compromisso na nossa Diocese ou no nosso município ou lá na Comunidade Eclesial de Base onde atuo relativo ao sub-tema acima?**
- 2) Quais os desafios/problemas que precisam ser enfrentados relativo ao sub-tema acima?**
- 3) Como agir para fortalecermos as lutas que já existem e encarar as outras lutas necessárias?**

## **OS DOIS LIVROS DE DEUS**

1º LIVRO: a Criação, a Vida

2º LIVRO: a Bíblia

1. Superar o fundamentalismo
2. Superar as imagens ultrapassadas de Deus

## OS DOIS LIVROS DE DEUS

**1º LIVRO: a criação, o cosmos, a natureza, o universo, a vida, o mundo, os fatos, a história.**

O primeiro livro de Deus não é a Bíblia, mas sim a natureza. É através do *Livro da Natureza* ou *da Vida* que Deus quer falar conosco. De que maneira a natureza é o Livro de Deus? Deus criou as coisas **falando**. Ele disse: “Luz!” E a luz começou a existir (Gn 1,3). Tudo que existe é a expressão de uma palavra divina, como tão bem verbaliza o salmo: *“O céu manifesta a glória de Deus, e o firmamento proclama a obra de suas mãos. O dia passa a mensagem para outro dia, a noite a sussurra para a outra noite. Sem fala e sem palavras, sem que a sua voz seja ouvida a toda a terra chega o seu eco aos confins*

Cada ser humano é uma palavra ambulante de Deus (Gn 1,27). As crianças são palavra de Deus para os pais; os pais são palavra de Deus para as crianças. Mas nós já não nos damos conta de que estamos vivendo no meio do livro de Deus e que cada um de nós é uma página viva deste livro divino. Há algo que nos impede de reconhecer a presença da Palavra na vida, algo que “sufoca a verdade” (Rom 1,18). O que nos impede? Santo Agostinho diz que foi o pecado, i.é., esta nossa mania de querer dominar tudo, de tratar a natureza como mercadoria e de achar que somos donos de tudo. Por isso, as letras do ***Primeiro Livro*** de Deus se atrapalharam e já não conseguimos descobrir a fala de Deus no *Livro da Vida*. Perdemos o olhar da

## **2º LIVRO: a Bíblia**

A Bíblia foi escrita, não para substituir o Livro da Vida, mas sim para ajudar-nos a entendê-lo melhor e a descobrir nele os sinais da presença de Deus. O estudo e a leitura orante da Bíblia nos devolvem o olhar da contemplação. Ajudam a decifrar e a interpretar os acontecimentos, a natureza. Fazem com que o Universo se torne novamente uma revelação de Deus, e volte a ser o que deve ser *“O Primeiro Livro de Deus”*.

O texto da Bíblia não caiu pronto do céu. Nasceu aos poucos, fruto da ação do Espírito de Deus e de um demorado processo de busca do ser humano. Impelido pelo desejo de encontrar Deus na vida, o povo foi descobrindo os sinais da sua presença e, dentro dos critérios da cultura da época, transmitia para os filhos as suas descobertas. Assim foi nascendo a Tradição Viva do Povo de Deus, transmitida oralmente de geração em geração. No fim, escreveram tudo num livro. Este livro é a Bíblia.



A Bíblia traz o resultado da leitura que o povo hebreu conseguiu fazer da vida e da natureza para descobrir nelas a fala de Deus. Este *Segundo Livro de Deus* (a Bíblia), assim dizia Santo Agostinho, ajudou o povo a entender melhor o *Primeiro Livro* (a Vida, a Natureza). Com a orientação da Bíblia devemos também nós “*escrever a nossa Bíblia*”, isto é, devemos imitar o povo de Deus e, como eles, ***ler a nossa realidade para descobrir dentro dela os apelos de Deus e expressá-los dentro dos critérios da nossa cultura.***

Muitos perguntam: mas o que fazer com a Bíblia e a sua cosmo-visão ultrapassada? Como ela pode nos ajudar a interpretar este universo imenso que a ciência descortina diante de nós? Aqui vale a pena retomar uma palavra de Clemente de Alexandria, um sábio africano do século IV da cidade de Alexandria no norte do Egito. Ele dizia: “*Deus salvou os judeus judaicamente, os gregos, gregamente, os bárbaros, barbaramente*”. E podemos continuar: “Os brasileiros, brasileiramente; os argentinos, argentinamente; os latinos, latinamente” ” etc. Os judeus, os gregos e os bárbaros, cada um no seu tempo e na sua cultura, através da teimosia da sua fé e no meio das muitas crises das suas histórias, foram capazes de descobrir os sinais da presença amorosa de Deus em suas vidas. Assim também nós estamos sendo desafiados a fazer hoje o mesmo que eles fizeram no seu tempo, a saber: descobrir a mesma presença divina dentro da nossa realidade.

Isto implica **em três tarefas: (1) superar o fundamentalismo; (2) superar as imagens ultrapassadas de Deus e (3) ter presente as perguntas que a vida levanta.**

**1. Superar o fundamentalismo: limpar o livro com o uso da ciência e do bom senso**

Uns dizem que a Bíblia é um livro infantil, ultrapassado pelas descobertas da ciência. Outros, em nome da Bíblia, negam as conclusões da ciência e dizem: “Prefiro ser criatura de Deus a ser descendente de macaco!” Os dois são fundamentalistas, ambos tomam a Bíblia ao pé da letra. Nenhum dos dois foi capaz de descobrir a mensagem de vida encerrada na letra da Bíblia. Nos dois, a visão fundamentalista da letra bloqueou a comunicação correta com a Bíblia e matou neles a possibilidade de descobrir o sentido verdadeiro, escondido na letra. Dizia o apóstolo Paulo: *“A letra mata. É o Espírito que dá vida à letra”* (2Cor 3,6). Por mais que invoquem ou neguem a ciência, nenhum dos dois soube usar a ciência que poderia ajudá-los a descobrir o sentido que existe dentro da letra. O fundamentalismo é inimigo da verdade.

Com a ajuda do bom senso e da ciência (exegese) devemos estudar a letra, a linguagem, o estilo, a expressão literária, o contexto histórico e procurar descobrir a intenção, o fio da meada, as convicções de fé que nelas se expressam. Situando assim o texto da Bíblia no seu contexto humano de origem, quebramos o fundamentalismo, e limpamos e renovamos o livro.

## **2. Superar as imagens ultrapassadas de Deus: limpar os olhos que lêem a Bíblia**

Mas não basta limpar o livro. Temos que limpar também os olhos que lêem o livro. O problema de fundo está no olhar com que lemos a Bíblia. **Uma comparação: Na sala onde o povo estava reunido penduraram a foto de um homem muito severo que com o dedo em riste parecia agredir o público. O pessoal olhava e dizia: “Sujeito antipático! Dá até medo na gente!”. Um outro dizia: “Coitado da mulher dele!” –“É melhor ficar longe dele!” Aí entrou um rapaz, olhou a foto e disse: “É meu Pai!” –“Pai severo, hein!” –“Não! Nada disso! Meu pai é advogado. Tirei a foto quando ele, diante do juiz, defendia um grupo de pobres que corriam perigo de perder suas casas construídas num terreno baldio. Um rico queria despejá-los e construir aí um grande prédio para ganhar mais dinheiro. Meu pai os defendeu com força e ganhou a causa. Os pobres continuam em suas casas e até ganharam a escritura!” Todos olharam a foto e disseram “Que pessoa simpática!”**

De repente, tudo mudou! E mudou sem que mudasse coisa alguma. O que mudou? A foto continuou igual. O que mudou foram os olhos. Foi a experiência do filho que entrou no coração do pessoal e se colocou atrás os olhos. No tempo de Jesus, o povo olhava a Bíblia e ficava com medo de Deus que parecia severo e ameaçava o povo com castigo. **Aí chegou Jesus, olhou a Bíblia e dizia: “É meu Pai!”** Aí tudo mudou, sem mudar uma vírgula sequer! (Mt 5,18). O que mudou foram os olhos. Temos que criar em nós a experiência de Jesus, o Filho do Pai. Aí os olhos se renovam, e o AT, sem mudar uma vírgula sequer, vira NT.

## **O profeta Jeremias: um novo olhar sobre a presença de Deus na criação**

Diante daquele desespero generalizado causado pela destruição do Templo por Nabucodonosor, Jeremias dizia: “de tudo isto, temos muito motivo de esperança!” - “Qual?” - “O sol vai nascer amanhã!” Jeremias redescobriu a presença de Deus na natureza.

Nabucodonosor pode ser forte, mas ele não pode impedir o nascimento do sol! A certeza do nascer do sol não depende dos poderes deste mundo, nem depende da nossa observância da lei, mas está impressa na lógica da criação. É pura gratuidade, expressão do bem-querer do Criador. É promessa que não falha. Nós podemos romper com Deus, mas Deus não rompe conosco, pois cada manhã, através da sequência dos dias e das noites, ele nos fala ao coração e diz: “Como é certo que eu criei o dia e a noite e estabeleci as leis do céu e da terra, também é certo que não rejeitarei a descendência de Javé e de meu servo Davi. Quando essas leis falharem diante de mim - oráculo de Javé - então o povo de Israel também deixará de ser diante de mim uma nação para sempre” (Jr 33,25-26; 31,36).



## **As Dez Palavras da Aliança (Decálogo) e as Dez Palavras da Criação (outro Decálogo)**

Com esta luz nos olhos, o povo, lá na desgraça do cativeiro, começa a observar a Natureza. Ao lado das *Dez Palavras* (Dez Mandamentos) que estão na origem da Aliança, eles começam a dar atenção também às Palavras Divinas que estão na origem das criaturas. O autor que fez a redação da narrativa da Criação (Gn 1,1-2,4<sup>a</sup>) teve a preocupação em descrever toda a ação criadora de Deus por meio de exatamente *Dez Palavras*. Ele repete dez vezes a expressão “**e Deus disse**”:

1. Gn 1,3  
2. Gn 1,6  
3. Gn 1,9  
e apareça o continente  
4. Gn 1,11  
verde  
5. Gn 1,14  
6. Gn 1,20  
seres vivos  
7. Gn 1,24  
seres vivos  
8. Gn 1,26  
humano  
9. Gn 1,28  
10. Gn 1,29  
vocês comer.

E Deus disse: haja luz  
E Deus disse: haja firmamento  
E Deus disse: as águas se juntem  
  
E Deus disse: a terra produza  
  
E Deus disse: haja luzes  
E Deus disse: as águas produzam  
  
E Deus disse: que a terra produza  
  
E Deus disse: façamos o ser  
  
E Deus disse: sejam fecundos  
E Deus disse: dou as ervas para

E Deus

disse:

~yhi<sup>a</sup>l{a/

rm,aYOæw

A Lei de Deus entregue ao povo no Monte Sinai tinha no seu centro as **Dez Palavras** divinas da aliança (Ex 20,1-17; Dt 5,6-22). Da mesma maneira, a narrativa da Criação tem no seu centro **Dez Palavras** divinas. Ao lado da Lei da Aliança, descubrem a Lei da Criação. Como fez para o seu povo, Deus faz para as criaturas: fixou para elas “*uma lei que jamais passará*” (Sl 148,6). Dez vezes Deus falou e dez vezes as coisas começaram a existir. Falou: *Luz!*, e a luz começou a existir. Falou: *Terra!*, e a terra apareceu. Gritou os nomes das estrelas, e elas começaram o seu percurso no firmamento. “*Ele diz e a coisa acontece, ele ordena e ela se afirma*” (Sl 33,9). “*Deu-lhes uma lei que jamais passará*” (Sl 148,6) Pela força da Palavra o Criador enfrentou a desordem do caos e fez nascer a harmonia do cosmos.

A harmonia do Cosmos que enfrenta e vence a ameaça do caos é fruto da obediência das criaturas aos Dez Mandamentos da Criação. O povo não tinha observado a Lei da Aliança. Por isso veio a desordem do cativeiro. As criaturas, ao contrário, sempre observam a Lei da Criação. Por isso existe a harmonia do cosmos. No *Pai-Nosso* Jesus dirá: “Seja feita a vossa vontade na terra assim como é feita no céu”. Jesus pede que nós possamos observar a Lei da Aliança com a mesma perfeição com que o sol e as estrelas do céu observam a Lei da Criação. Na harmonia do universo descobrimos como realizar nossa missão. O Decálogo da Criação descreve a ação de Deus em nosso favor, o Decálogo da Aliança descreve como deve ser a resposta do ser homem.

A total gratuidade da presença universal de Deus Criador encheu de esperança o povo desanimado do cativeiro e lhe deu coragem para recomeçar com garra a busca da justiça, a observância da lei de Deus. Agora, eles observam a lei da aliança, não mais para poder *merecer* a salvação, e sim para poder *agradecer* e retribuir a imensa bondade com que Deus os amou primeiro e cujo amor não depende da observância da lei. Eles sabem que nada nem mesmo o fracasso pode separá-los do amor de Deus (Is 40,1-2ª; 41,9-10.13-14; 43,1-5; 44,2; 46,3-4; 49,13-16; 54,7-8; etc; cf. Rom 8,35-39)

A fé no Deus Criador abriu um horizonte, cujo alcance para a vida só se compara com o horizonte que a ressurreição de Jesus abriu para os discípulos confrontados com a barreira intransponível da morte. A fé na gratuidade da presença universal de Deus torna-se a infra-estrutura da observância dos dez mandamentos.

# A LIÇÃO DOS ÍNDIOS

Uma reflexão de Leonardo Boff  
sobre as lições que podemos  
receber dos índios:

Os índios sentem e vêem a natureza como parte de sua sociedade e cultura, como prolongamento de seu corpo pessoal e social. Para eles a natureza é um sujeito vivo e carregado de intencionalidades. Não é como para nós modernos, um objeto mudo e sem espírito. A natureza fala e o indígena entende sua voz e mensagem. Por isso ele está sempre auscultando a natureza e se adequando a ela num jogo complexo de inter-relações. Há sábias lições que precisamos aprender deles face às atuais ameaças ambientais. Importa entender a Terra, não como algo inerte, com recursos ilimitados, disponíveis ao nosso bel prazer. Mas como algo vivo, a Mãe do índio a ser respeitada em sua integridade. Se uma árvore é derrubada, faz-se um rito de desculpa para resgatar a aliança de amizade. Precisamos de uma relação sinfônica com a comunidade de vida, pois como foi comprovado, Gaia (terra) já ultrapassou seu limite de suportabilidade. Se deixarmos as coisas correrem e não fizermos nada as ameaças se tornarão devastadora realidade. (Leonardo Boff, O desafio Amazônico, 19.02 2007).



Dois exemplos da lição de índios que não perderam o contato com a natureza: o primeiro é de um índio do Xingu, Brasil, contado pelo indigenista Orlando Villas Bôas; o segundo, de um índio da América do Norte.

Orlando Villas Bôas conviveu com os índios e estudou os costumes deles. Ele conta o seguinte:

"De todas as histórias contadas pelos índios, a mais surpreendente foi nascida de uma conversa com Arru, um de meia-idade que, embora não fosse um grande pajé, era, sem dúvida, o mais versado nos conhecimentos que transcendem o saber comum, principalmente no campo do sobrenatural. Arru chegara do mato cansado da caminhada e, encontrando-nos na aldeia, sentou-se a meu lado. Não havia muita coisa a conversar. Seu mundo monótono, nesse aspecto, valia pelo que já havia acontecido. Foi por isso que ele, olhando para os lados, para o chão e depois para o céu, disse: -“Lá é o céu. -“Eu já sabia”, respondi. -“Lá é a aldeia dos que morrem”. -“Eu já sabia”. Depois de um breve intervalo, e de olhar bastante elevado para o céu, falou: -“Lá no céu do céu... ela está lá”. Fui tomado de surpresa. Céu do céu... O que viria a ser isso? Ela está lá? Ela, quem? A figura de um índio velho? Daí perguntei: -“Quem? Um índio velho que sabe tudo? -“Não! (pronunciado com veemência), somente uma sabedoria!” E com um gesto largo abrangendo o sol e o céu deu-me a idéia de que lá havia somente uma sabedoria, que, tal qual a concepção das seitas tibetanas, mantém a harmonia do universo.” (O Villas Bôas, A Arte dos Pajés, Impressões sobre o universo espiritual do índio xinguaano, Editoria Globo, 2000, p.89-90).

Em 1852, o governo dos Estados Unidos propôs comprar as terras dos índios. O cacique Seattle estranhou a proposta e expôs a sua preocupação numa carta ao Presidente. Segue aqui um trecho da carta:

"O presidente em Washington informa que deseja comprar nossa terra. Mas como é possível comprar ou vender o céu ou a terra? A idéia nos é estranha. Se nós não possuímos o frescor do ar e a vivacidade da água, como vocês poderão comprá-los? Cada parte desta terra é sagrada para meu povo. ... Somos parte da terra e ela é parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs. O urso e a águia são nossos irmãos. O topo das montanhas, o húmus das campinas, o calor do corpo do cavalo, o ser humano, pertencem todos à mesma família. A água brilhante que se move nos rios e riachos não é apenas água, mas é o sangue de nossos ancestrais. Se lhes vendermos nossa terra, lembrem-se de que o ar é precioso para nós, o ar partilha seu espírito com toda a vida que ampara. Uma coisa sabemos: nosso Deus é também o seu deus. A terra é preciosa para ele. Esta terra é preciosa para nós, também é preciosa para vocês. Uma coisa sabemos: existe apenas um Deus. Nenhum ser humano, vermelho ou branco, pode viver à parte. Afinal, somos irmãos!" (Joseph Campbell, O Poder do Mito, Editora Palas Athena, 14ª edição, São Paulo, 1996, pp.34 e 36)

São duas maneiras diferentes de relacionar-se com a terra. Para Seattle, o chefe indígena, a terra é dom de Deus e fonte de identidade. Para o Presidente dos Estados Unidos a terra é apenas uma mercadoria, um objeto de troca. Para Arru, o índio do Xingu, a terra, o chão, o passado, o céu, tudo faz parte de uma *sabedoria* universal que nos envolve e da qual nós somos apenas uma parte. Não somos os donos do mundo; tomamos conta, e temos que prestar conta. Dizia um descendente dos índios lá do Ceará: “Eu não sou pessoa. Sou pedaço de pessoa. A pessoa é a comunidade. Vivendo em comunidade me torno pessoa”. São duas mentalidades distintas: a dos índios e a nossa. Temos muito a aprender deles. Nos últimos três ou quatro séculos, uma ciência utilitarista que só busca seu próprio proveito, privou-nos desse contato com a natureza e, por conseguinte, da sabedoria que nasce do contato com a mãe terra, Pachamama.

**A mensagem do povo negro e do povo camponês para nós.**

## **PAI NOSSO ECOLÓGICO**

Por Edward Neves M. B. Guimarães

Pai e Mãe de todos nós,

Espírito-de-Amor, Comunhão-Infinita, Deus-Criador...

Tu transcendes todo tempo e lugar, mas nos permites encontrar-te tão próximo:

No olhar límpido e meigo das crianças,

Na força profética e contagiante dos sonhos da juventude,

No porto seguro do seio da mãe,

No aconchego afetuoso dos braços do pai,

No encontro festivo e irradiante de familiares e amigos,

Na teimosia do povo em luta pela vida plena,

No caminhar tateante e sereno dos idosos.

Na singeleza do perfume das flores,



No sabor inebriante e suculento dos frutos,  
Na fecundidade das sementes lançadas na terra,  
Na diversidade incontável das cores e espécies vegetais,  
Na vitalidade escondida das raízes dedicadas a possibilitar a vida,  
No mistério da renovação impulsionada pelas estações do ano.  
Na leveza do vôo dos pássaros,  
Na delicadeza das formas dos insetos,  
Na complexidade crescente dos peixes, répteis e mamíferos,  
No desejo ardente pela vida, encarnada em cada espécie animal.  
Na aurora esperançada do nascente,  
No êxtase interiorizante do pôr do sol,  
Na beleza prateada da noite enluarada,  
Na imensidão desbordante do céu estrelado,  
Nas águas cristalinas da nascente,  
No ritmado som da cachoeira,  
Na beleza incomensurável da criação.  
Tu habitas a interioridade de cada ser

Interpelas-nos no rosto desfigurado dos empobrecidos.  
E alegras o coração do ser humano que se dispõe a servir.  
Por tudo isso santificado, por todas as culturas e religiões,  
sejas o teu nome.

Nele encontramos fonte de igualdade, dignidade e valor.  
Venha a nós, através de tua graça e de nossas atitudes  
cotidianas, o teu Reino de amor, justiça e paz.  
Seja feita, entre nós, a tua vontade de revelar-nos o teu  
amor incondicional e universal.

Vontade manifestada, de modo singular, nos gestos e  
ensinamentos de Jesus de Nazaré, teu Filho amado:  
*“Que todos tenham vida e vida em abundância”*, em todo  
tempo e em cada lugar.

O Pão nosso e a Água nossa de cada dia nos dai hoje, Pai.  
Perdoai nossas ofensas à mãe natureza e aos nossos irmãos e irmãs,  
Que também nós busquemos perdoar a quem nos ofendeu, como Tu  
nos perdoas sempre.

Alimentai a nossa fome de justiça, fraternidade, diálogo, tolerância e  
paz.

Ensinai-nos a ser mais ecológicos, conscientes e coerentes.  
Ensinai-nos a amar mais a vida encarnada em cada ser.

Fortalecei nossa capacidade de sonhar, de lutar por um outro mundo  
possível e, sobretudo, de ser livres,

Mas de ser livres para a prática da justiça, da simplicidade e do amor.  
Não nos deixeis cair na tentação economicista e consumista da vida,  
Livrai-nos do mal do egoísmo, da indiferença e da exclusão.

Assim seja!  
Amém!

### **3 – Inspiração bíblica: Profeta Amós, a luta contra a injustiça social.**

“Quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca (Am 5,24).” Para iluminar nossa atuação em sintonia com a CF/2016 temos a profecia do profeta Amós. Provavelmente as composições mais antigas do livro do profeta Amós (Am 1-6; 7-9) datam de meados do século VIII a.C., e surgiram como literatura de protesto e resistência. “O acento principal da mensagem de Amós está na crítica social e no anúncio de um juízo iminente de Deus na história, bem como na tênue, mas clara exigência do restabelecimento da justiça como alicerce das relações sociais”.

HAROLDO REIMER, “Amós – profeta de juízo e justiça”, em *Os livros proféticos: a voz dos profetas e suas releituras*, RIBLA 35-36, Ed. Vozes, Petrópolis e Ed. Sinodal, São Leopoldo, 2000, p. 171.

Amós é um profeta precursor, radical, exemplar e paradigmático. A profecia de Amós é, em certo modo, um divisor de águas na história da profecia no sentido de que instaura um novo jeito de ser profeta. O livro de Amós está organizado em duas grandes unidades literárias: I) Am 1-6: Palavras e II) Am 7-9: Visões.

### **3.1 – Endurecimento ou perdão?**

Amós, em Am 4,4-13, reflete sobre Culto, história, endurecimento e perdão e nos ajuda a refletir sobre três aspectos intimamente entrelaçados, fundamentais na ética profética sobre a concepção de pecado em relação ao culto, à história e aos limites de uma possível reconciliação com Deus. Diante do “pecou, pecou... endureceu, endureceu..., haverá castigo ou perdão? A conclusão que se coloca na base e no fim do estudo de Am 4,4-13 é “Prepare-se Israel, para encontrar-se com seu Deus!” Trata-se de um anúncio de punição *in extremis* diante da incapacidade de Israel de reagir, ou de uma velada promessa de perdão? Ou existe outra interpretação possível?

Sugiro que antes de você continuar a leitura do texto, leia na Bíblia Am 4,4-13. Assim você entenderá melhor a reflexão que se segue.

A declaração final de Javé ao ser humano que fecha a unidade Am 4,4-13 constitui-se quase como uma nova revelação do Sinai, que deve por fim ao conflito entre o ser humano e a divindade, em favor do ser humano. As punições pedagógicas de Javé deixam lugar a um esclarecimento que abre o coração do ser humano para que veja o conjunto da sua história e reconheça o processo de endurecimento de seu coração.

Am 4,4-13 evoca, portanto, uma situação que há certa semelhança com aquela do relato das pragas do Egito, mas não é obviamente, a recordação daqueles fatos. O discurso de Amós menciona, talvez, um passado histórico não identificável nem pela forma e nem pelo conteúdo do texto. As pragas do tempo do Êxodo feriam o Egito, não Israel, e de uma maneira diferente da relatada em Amós 4. Além do mais, as tais “pragas” eram no mundo antigo o resultado de situações críticas naturais ou políticas: a fome era o resultado de toda estiagem prolongada e peste nas plantações, assim como a morte dos jovens (v. 10) é o efeito de toda ação militarista, no mundo antigo e moderno.



Às pragas ou punições descritas se reúnem ainda a menção de Sodoma e Gomorra. O discurso de Amós 4 quer, portanto, dar conta de toda a antiga história de Israel, também de Israel patriarcal, para aplicá-la a uma nova situação.

Um ponto particular de relação com o Êxodo é a presença do refrão “*mas não retornastes a mim*” que estrutura o texto de Amós 4,4-13. Assim, como no relato das pragas o endurecimento do coração do Faraó é o motivo estruturante que faz aumentar as pragas.

No relato do Êxodo, um primeiro grupo de textos, atribuídos tradicionalmente à fonte Javista (J), apresenta de fato o faraó como responsável pelo seu próprio endurecimento, como havia predito Deus. O outro grupo de textos (os chamados “heloístas”) atribuem a obstinação ora ao faraó (Ex 9,35) ora a Deus mesmo (Ex 10,20.27). O relato sacerdotal (P) o atribui habitualmente a Javé.

Esta diversidade de concepção no atribuir a responsabilidade pelo pecado aparece também em outros textos fora do Êxodo, com diferente vocabulário e problemática. Em 2 Sm 24,1, Javé é o responsável direto pelo pecado de Davi devido ao recenseamento; Segundo 1 Cr 21,1 a responsabilidade é, ao invés, de Satanás. O verbo hebraico usado é o mesmo: *swt* (= incitar, seduzir).

Cf. Ex 7,14.22; 8,11.15.28; 9,7.34.

Tanto em Êxodo como em Am 4,4-13 se coloca um grande problema exegético e teológico: É possível e legítimo que Deus continue a aplicar punições que levam a um endurecimento sempre crescente? Não se comporta Javé assim como o pai que exagera, com sua punição, o seu filho e o força a se rebelar (cf. Ef 6,4)?

É necessário reconhecer que por trás dos textos de endurecimento há o mistério da liberdade humana e “onipotência” divina: amor infinito de Deus. Em relação a Deus, há uma consciência profética que as obras e a Palavra de Deus não podem permanecer sem efeito (cf. Is 55,11), mas é sempre eficaz (diferente de eficiente). Se não produzem imediatamente a conversão, devem amadurecer o sujeito para um novo castigo, o que, em última análise, não exclui a possibilidade de conversão.

Em relação ao “castigado” (?), há consciência do fato que a exortação à conversão, quando não ouvida, se torna uma condenação. Isto é, nada mais, nada menos, que a dinâmica das relações interpessoais. Quando duas pessoas se encontram e começam a se conhecer, a relação pode progredir, parar ou eventualmente morrer. Mas enquanto existe, cada ação e reação levam ao crescimento ou diminuição daquela relação. Todo ato (ou omissão) nas relações interpessoais soma e cultiva a relação ou a empobrece descultivando-a. Nenhum ato fica neutro.

De modo semelhante, na relação do ser humano com Deus, cada ação que não melhora a relação, a piora, mas jamais a deixa igual. Se não se aceita um convite à conversão, como uma oferta de amizade, o recusa. E esta recusa tornará mais difícil que aconteça um novo convite. Além disso, aceitar uma nova oferta de amizade, implicaria em reconhecer o erro precedente, o que pode exigir um grau maior de humildade. Em relação aos profetas e profetisas, este processo se explica na medida em que os/as “intérpretes de Javé” sabem do paradoxo da missão deles. Os profetas e profetisas sabem que a palavra profética conduz às vezes à conversão de alguns poucos, mas na maioria das vezes leva ao endurecimento de muitos. Os oráculos de condenação no futuro, pronunciados com absoluta segurança, refletem a consciência dos profetas de que a advertência seria inútil. Gato escaldado com água quente tem medo até de água fria, diz a sabedoria popular.

A consciência que os profetas e profetisas têm das três realidades descritas acima se apresenta, de modo muito claro, em Is 6,9-11: *“Então disse ele: Vai, e dize a este povo: Ouvis, de fato, e não entendeis, e vedes, em verdade, mas não percebeis. Engorda o coração deste povo, e faze-lhe pesados os ouvidos, e fecha-lhe os olhos; para que ele não veja com os seus olhos, e não ouça com os seus ouvidos, nem entenda com o seu coração, nem se converta e seja sarado. Então disse eu: Até quando Senhor? E respondeu: Até que sejam desoladas as cidades e fiquem sem habitantes, e as casas sem moradores, e a terra seja de todo assolada”*.

### **3.2 – Amós, conspirador e subversivo?**

Em Am 7,14 Amós se recusa a ser considerado profeta segundo a ótica de um sacerdote vassalo do poder político. Amós se define como “vaqueiro” e cultivador de sicômoros. Em Am 7,15 Amós parece ser um pastor que cuida do rebanho miúdo (ovelhas e cabras), mas não um vaqueiro. Em Am 7,10-17 não há a intenção primeira de descrever pessoalmente a profissão do profeta, mas enfatiza o fato de que Amós foi retirado da sua vida precedente, do seu mundo, das preocupações domésticas para proclamar a Palavra de Deus.

Am 7,10-17 quer legitimizar o conteúdo da profecia de Amós e ajudar a comunidade a superar todos os preconceitos que possam existir contra o profeta por causa da sua origem humilde, como se fosse um “nordestino”, um sem-terra, um menor de rua, um portador do vírus HIV etc. O relato de Am 7,10-17 quer nos dizer que a profecia vem da margem, da periferia, do meio dos marginalizados e excluídos. São estes, por excelência, os “intérpretes de Javé”.

Na Bíblia esse “gênero” é utilizado para descrever de maneira diferente as vocações de Moisés, Gedeão, Eliseu, Saul. Mas uma estreita relação se encontra em 2Sam 7,8. Natã transmite a Davi a mensagem de Javé: *“Eu te tirei das pastagens, pastoreavas as ovelhas”*. O elemento que caracteriza estas situações não é o fato do convocado pertencer a um grupo, mas, ao contrário, o fato de ele ser um “de fora”, um excluído. Assim Am 7,14 quer exprimir a distância de Amós das formas institucionais da profecia e dos profetas “da corte”.



O relato do confronto entre o sacerdote Amasias e Amós (com a implicada presença do rei) oferece a justificação da decisão de Javé. O povo não somente não ouviu as diversas palavras transmitidas por Amós, mas decidiu silenciá-lo, expulsando-o para sua terra. Já não há nada mais a esperar senão o fim definitivo, e diante disso resta somente a lamentação. O profeta anuncia a necessidade de conversão; pede perdão a Deus pelo povo; pede para parar a punição. O rei (e a monarquia) e o Templo expulsam o profeta, silenciando-o. O povo sofrerá muito mais. Ai de um povo que não escuta seus profetas e profetisas, e pior ainda, que os persegue, expulsa e os silencia.

Em Am 7,10-17 revela a interpretação que setores da classe dirigente tinham do conteúdo da profecia de Amós. Aos olhos da elite, o profeta é um “conspirador”, interessado em “golpe de estado”. Para Javé e o povo empobrecido Amós é um profeta. Para a elite ele é um “subversivo”, um agitador.

### 3.3 – Vacas de Basã são mulheres ou homens opressores?

Em Am 4,1-3 temos a seguinte profecia: *“OUVI esta palavra, **vacas de Basã**, que estais sobre monte de Samaria, que oprimis os fracos, que esmagais os excluídos, que dizeis aos vossos senhores: “Trazei-nos o que beber!”. O Senhor Javé jurou, pela sua santidade: sim, dias virão sobre vós, em que vos carregarão com ganchos e a vossos descendentes com arpões (de pesca). E saireis pelas brechas que cada uma tem diante de si, e sereis empurradas em direção ao Hermon, oráculo de Javé”.*

Segundo uma interpretação mais tradicional, Am 4,1-3 seria uma investida do profeta Amós contra as mulheres ricas de Samaria, designadas como “vacas de Basã”, mulheres de personagens importantes, que ocupam o tempo em luxuosos banquetes, e ao mesmo tempo são responsáveis pela opressão e exploração dos empobrecidos. A imagem de um banquete só de madames é, no mínimo, algo curioso em uma sociedade reconhecidamente machista e patriarcal, assim como atribuir às mulheres a responsabilidade pela opressão e pela injustiça.

A região de Basã, como o Líbano e o Carmelo, é famosa pela fertilidade do solo. A tristeza causada pela punição divina se manifesta na debilidade do Líbano, do Basã, do Carmelo e do Saron (Is 33,9). Ao contrário, a generosidade divina se expressa no nutrimento do povo com a “*manteiga das ovelhas e dos touros de Basã*” (Dt 32,14). O anúncio messiânico, com o qual se conclui o livro de Miquéias, inclui a promessa de um pasto abundante “em Basã e em Galaad, como nos dias antigos (Miq 7,14). No ambiente de louvor do Sl 68, “Basã” são os montes (v. 16) que testemunham, junto com o Sinai e a natureza, a grandeza das obras de Javé. Logo integrar “Basã” numa imagem depreciativa é algo estranho ao uso corrente de “Basã” na Bíblia.

De “vaca de Basã” não se fala em nenhum outro lugar no Primeiro Testamento da Bíblia. As montanhas de Basã são famosas pelos seus touros, cabritos e carneiros (mas não vacas; cf. Dt 32,14). Por isso os touros de Basã podem ser imagens dos inimigos poderosos (cf. Sl 22,13 e, sobretudo, Ez 39,18).

A expressão “vacas de Basã” adquire um sentido mais verdadeiro dentro da cultura bíblica se o termo “vacas” não for utilizado em relação a mulheres, mas a homens, aqueles que quiseram ser como os touros de Basã, pela força deles, autoridade e dignidade se tornaram “vacas”, com as conotações depreciativas que as formas femininas podem ter no Primeiro Testamento.

Neste contexto, os “seus senhores” (Am 4,1b, com sufixo masculino) se referem provavelmente não aos “maridos”, como propõem algumas traduções, um uso pelo qual não se tem nenhuma outra ocorrência, mas refere-se a uma pessoa de mais autoridade (política). “Senhor”, além do freqüente uso como título divino, se refere a Acab (2 Rs 10,2.3.6), ao Faraó (Gn 40,1), ao Rei da Babilônia (Jer 27,4), e em casos isolados a várias pessoas: “outros senhores...” (Is 26,13).

A interpretação que propomos de “vacas de basã”, acima, está em sintonia com a hipótese de que “vacas de basã” seja também uma alusão às estátuas cultuadas. Logo, em Am 4,1-3 está uma forte denúncia do poder opressor de um “senhor” com poder político de dominação respaldado por uma legitimação religiosa.

### 3.4 – Profeta Amós: “Restabeleçam a justiça!”

A profecia de Amós é “uma crítica veemente e contundente aos agentes e mecanismos de exploração e opressão dos camponeses empobrecidos sob o governo expansionista de Jeroboão II e sob as condições de um incremento de relações de empréstimos e dívidas entre pessoas do próprio povo no século VIII a.C.”. Em outros termos, o profeta Amós não apenas critica *pessoas corruptas*, mas questiona também de modo muito forte o *sistema* gerador de pessoas corruptas. Não somente as mazelas pessoais estão na mira do “camponês” que entrou para a história como um grande profeta. Amós tem consciência de que o problema fundamental da injustiça reinante na sociedade não é fruto somente de fraquezas pessoais, mas tem como causa matriz estruturas socio-econômico-político-culturais e religiosas que engrenam uma máquina de moer pessoas. Na mira de Amós também estão relações comerciais que causam endividamento, aprisionam pessoas e escravizam, retirando a liberdade de ser pessoa humana.

HAROLDO REIMER, “Amós – profeta de juízo e justiça”, em *Os livros proféticos: a voz dos profetas e suas releituras*, RIBLA 35-36, Ed. Vozes, Petrópolis e Ed. Sinodal, São Leopoldo, 2000, p. 188.



Além das denúncias sociais, a profecia de Amós destaca-se com o anúncio de um juízo iminente de Javé na história do seu povo. Amós inverte as expectativas quanto a um tão sonhado “dia de Javé” (Am 5,18-20). Este não será mais uma “ideologia de segurança político-religiosa” pelos fortes de Israel. A perversão da justiça para os pobres, a opressão dos empobrecidos e a exploração das pessoas mais enfraquecidas clamam pelo juízo divino. O “dia de Javé” será um “dia mau” sobre os fortes de Israel, sobre o estado tributário, suas instituições e seus agentes.

A fé em um Deus que é infinito amor não coaduna com a existência de inferno como um lugar de punição. No entanto, se não há algum tipo de inferno, os opressores ficarão sem nenhuma punição?

Além das denúncias sociais, a profecia de Amós destaca-se com o anúncio de um juízo iminente de Javé na história do seu povo. Amós inverte as expectativas quanto a um tão sonhado “dia de Javé” (Am 5,18-20). Este não será mais uma “ideologia de segurança político-religiosa” pelos fortes de Israel. A perversão da justiça para os pobres, a opressão dos empobrecidos e a exploração das pessoas mais enfraquecidas clamam pelo juízo divino. O “dia de Javé” será um “dia mau” sobre os fortes de Israel, sobre o estado tributário, suas instituições e seus agentes.

A fé em um Deus que é infinito amor não coaduna com a existência de inferno como um lugar de punição. No entanto, se não há algum tipo de inferno, os opressores ficarão sem nenhuma punição?

Amós critica com coragem a “corrida armamentista” de Israel. Ele anuncia que serão desmanteladas as forças militares dos estados vizinhos (Am 1,5.8b.14b; 2,2b) e sobretudo de Israel (Am 2,13-16; 3,11b; 5,2-3; 6,13-14).

O profeta Amós denuncia duramente também as instituições religiosas que estão justificando o processo de extorsão de tributos da população camponesa (Am 4,4-5; 5,21- 23). Pelo conluio com a opressão econômica a religião oficial também será dizimada (templos) e seus agentes (Am 5,27; 7,9; 9,1). *“Odeiem o mal e amem o bem: restabeleçam no portão a justiça!”* (Am 5,15).

“Aqui está a exigência positiva por excelência na profecia de Amós. Os israelitas são conclamados a reconstruir as relações sociais baseadas na justiça e no direito (*mishpat / sedaqah*). Só assim será possível escapar do juízo vindouro anunciado. O futuro de um “resto” passa pela prática de Justiça”. O juízo abre caminho para a justiça. A presença dos profetas e profetizas no meio do povo deixa Javé livre de qualquer responsabilidade diante da punição que o povo merece.

HAROLDO REIMER, “Amós – profeta de juízo e justiça”, em *Os livros proféticos: a voz dos profetas e suas releituras*, RIBLA 35-36, Ed. Vozes, Petrópolis e Ed. Sinodal, São Leopoldo, 2000, p. 189.

Cf. Artigo de frei Gilvander Moreira “A Bíblia respira profecia: *se calarem a voz dos profetas...*”, Em Revista ESTUDOS BÍBLICOS, Vol. 29, n. 113, Petrópolis, Ed. Vozes, jan/mar 2012, p. 37-56.

## **4 – Outras pistas bíblicas.**

Na Bíblia há vários relatos que exortam ao cuidado com as águas. Por exemplo: a) É preciso organizar o povo – descentralização do poder e das decisões – para que as pessoas sejam atendidas em suas necessidades, nos seus direitos e cuidem do ambiente em que vivem (Êxodo 18,13-27); b) Devem manter a limpeza no acampamento, manter as fezes cobertas para evitar sujeiras e doenças (Dt 23,13-14); c) cuidar e tratar da água a ser consumida. As fontes, poços e cisternas devem ser mantidos puros (Lev 11,36; Ex 15,23-25; 2 Rs 2,19-22); d) cuidar das árvores e bosques, principalmente das árvores frutíferas (Lev 19,25; Dt 20,19; Jz 4,4-5).

Todas estas atividades devem estar sempre envolvidas com o cuidado para com os mais pobres (Deuteronômio 23, 25; 24, 14-15.19-22, conforme Tiago

5,1-6). Assim como não se deve explorar o trabalhador, que tem o direito ao descanso, também a terra, a cada sete anos deve ter o descanso (Levítico 25, 2-7).